

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Odete Duarte

registada em 2008-09-09
por

Ana Cruz e Liliana Monteiro

Odete Duarte

Maria Odete Rodrigues Duarte nasceu em Lisboa, na maternidade Magalhães Coutinho, a 31 de Janeiro de 1940. Os pais chamavam-se Palmira Rodrigues e Adelino Antunes Duarte. O pai era vendedor ambulante e a mãe trabalhava na agricultura. Filha única veio para os Pardieiros quando os avós faleceram. Foi na aldeia que frequentou a escola, mas tinha ainda de ajudar a mãe no trabalho do campo, “às vezes a guardar o gado, outras vezes era ceifar erva, ir buscar uma mão cheiinha de mato para os animais”. Foi à escola até à terceira classe mas os pais precisavam da sua ajuda. Depois de um namoro curto, Odete casou na Benfeita, com um “vestido era branquinho, todo enramado às flores”. A sua vida foi sempre de trabalho no campo.

Índice

Identificação Maria Odete Rodrigues Duarte.....	4
Ascendência Palmira Rodrigues e Adelino Antunes Duarte.....	4
Infância Da escola ao trabalho do campo.....	5
Educação O que era preciso era saber fazer uma carta de jeito.....	6
Percurso profissional Uma vida a trabalhar no campo.....	7
Namoro "Podfamo-nos meter no cu do burro e deixar a mão de fora".....	7
Casamento De véu e flor de laranjeira.....	8
Costumes Comida, festas, lendas e costumes.....	10
Lugar "Os Ralhadores".....	17
Quotidiano Não há lugar como a casa.....	19
Avaliação "Isto é uma passagem, mas ficam as tradições".....	20

Identificação *Maria Odete Rodrigues Duarte*

O meu nome é Maria Odete Rodrigues Duarte e nasci em Lisboa, na maternidade Magalhães Coutinho, a 31 de Janeiro de 1940.



Maria Odete Duarte

Ascendência *Palmira Rodrigues e Adelino Antunes Duarte*

A minha mãe chama-se Palmira Rodrigues e o meu pai é Adelino Antunes Duarte. Os meus pais devem ter nascido cá nos Pardieiros. De sete irmãos o meu pai era o mais novo. Ele foi muito novo para Lisboa. Era vendedor ambulante. Foi sempre vendedor. A minha mãe essa é que trabalhava cá no campo. Quando se casaram, ela foi estar também em Lisboa, mas não fazia nada, só a vida de

casa. Ela não se dava lá em Lisboa, queria estar cá. O meu pai ficou lá e eu vim com a minha mãe, mas ele vinha quase todos os meses à minha beira.

A casinha onde vivia com os meus pais é a casa do meu filho, para onde vou de vez em quando. O tamanho era quase a mesma coisa, só era um bocadinho mais baixa. O meu filho subiu-a mais um bocado. Tinha dois quartos, o meu e o dos meus pais e tinha uma sala. Tinha uma cozinha, no mesmo sítio onde tem agora. Já era uma casinha jeitosa na altura.

Os meus pais tinham gado. Tínhamos uma cabra, três ou quatro cabeças de gado, ovelhas e um porco. Era só para comer. Fazíamos queijo, mas era só para casa, não fazíamos nada para fora.

Na agricultura cultivava-se milho, batata, feijão e o que era preciso para comermos em casa. A gente aqui não vendia nada.

Os meus avós também eram de cá. Eu não os conheci. Do que ouvia dizer o meu avô Alexandrino ainda foi muita vez a Lisboa vender morangos e andava para lá no tempo das frutas. A minha avó era cá da terra, trabalhava no campo. As mulheres eram de cá sempre, nunca de cá saíam, só quando morreram, coitadinhas. O meu avô do lado do meu pai, trabalhava nas penedas a fazer as pedras para as casas e para o que calhava.

Infância Da escola ao trabalho do campo

Eu sou filha única. Nasci em Lisboa e vim de lá para Pardieiros quando os meus avós morreram.

Quando andávamos na escola jogávamos ao pilogalo que era a correr uns atrás dos outros. Jogávamos também ao lenço, onde andávamos de volta e a jogar: "aqui vai o lenço, aqui fica o lenço". Cantávamos e dançámos, as raparigas e os rapazes tudo numa roda. Eram assim as brincadeiras daquele tempo. Agora já há mais divertimentos e tudo, mas antigamente não. Era o que a gente podia e sabia.

Quando andava na escola ajudava os meus pais. Tínhamos que trabalhar também. A gente quando saíamos da escola tínhamos que ir ter com as nossas mães, onde elas andavam, para trabalhar. Às vezes a guardar o gado, deitávamos um bocadinho à tarde. Outras vezes era ceifar erva, ir buscar uma mão cheiinha de mato para os animais e assim. A gente começámos pequeninas na lavoura a trabalhar. Havia sempre trabalho.



Odete Duarte (5 anos)

Educação *O que era preciso era saber fazer uma carta de jeito*

Fui à escola e fiz a terceira classe. Não quis fazer mais. O meu pai queria, mas a minha mãe queria era trabalho, queria que eu andasse ao pé dela e eu para andar a trabalhar não podia estar na escola. Antigamente sabendo fazer uma carta de jeito era o que era preciso.

A escola era na Senhora da Saúde. Agora botaram-na ao chão. Mais tarde era aqui em cima uma, mas está tudo a cair para o chão. Também fizeram ali não sei para quê, já pouca gente andou a estudar.

Antigamente havia muitas crianças, era a escola cheia. Era muita gente mesmo no meu tempo, mas já tinha havido mais. Ainda cá há dois rapazes mais pequenos e há outros maiores que andam a estudar em Arganil. Está isto a acabar tudo, ao que já foi. Não há crianças. Antigamente eram cinco e seis numa casa, depois já começou a ser menos, três, quatro ou cinco, mas quando ia a cinco já era muito. No meu tempo as escolas estavam "atacadas"¹. Sentávamos-nos nuns banquitos pequeninos, baixos e no chão porque não cabíamos nas

¹cheias

carteiras. Éramos a primeira, segunda, terceira e quarta classe tudo na mesma escola. Andávamos todos juntos, às vezes a levar porrada uns dos outros, dos mais velhos. Não havia cá escola para os rapazes e para as raparigas. Era uma e chegava e já não era nada mau.

"Era para entrar naquele ano para a escola e nem entrei"

Os professores eram como tudo, uns eram bons, outros eram maus e alguns eram "levados dum caneco". Tivemos cá uma professora que era bêbada, ai Jesus! A casa de banho em baixo era só cascas de ovos e garrafas de cerveja. Era uma bêbada e batia na gente. Era muito, muito má, porque se embebedava e não sabia o que fazia. Era para entrar naquele ano para a escola e nem entrei. Depois às tantas, ela nem acabou o ano, foi-se embora. Chamavam-na a "Catatua" mas não sei se era catatua, se não era, eu não fui para lá. O meu pai não me deixou ir, porque ela até beliscava as orelhas aos garotos.

Percurso profissional *Uma vida a trabalhar no campo*

Trabalhei sempre na agricultura. A nossa vida era trabalhar. Levantávamos de noite e entrávamos de noite em casa. Era só tempo para se fazer alguma coisa de comer para se levar para o campo. Agora já não faço nada. Estou reformada por invalidez. Estive muito tempo em que sofria muito do coração. Cheguei a um ponto que já não podia trabalhar.

Namoro *"Podíamos meter no cu do burro e deixar a mão de fora"*

Os namoros eram diferentes de agora. Antigamente a gente estávamos aqui e eles estavam lá em diante. Até ao dia do casamento não havia beijos, nem havia apertos de mão. Deus nos livre! E que vissem! Podíamos nos "meter no cu do burro e deixar a mão de fora". E o meu pai então que morou toda a vida na cidade sabia. Se alguém visse já não se casava mais, já estava assim, já estava assado.

- "Olha já vão com a mão um no outro, olha que vergonha."

E então enchia-se aqui as terras pequenas, era um sussurro. Quando a gente passava calava-se tudo bem calado, quando a gente seguia era o fim do mundo por trás das pessoas. De mim não, que graças a Deus não aconteceu isso comigo, mas acontecia com outras pessoas, às vezes até na paródia. Faziam aquilo na paródia de darem a mão uns aos outros. Não se podia fazer nada disso. Agora

a gente até acha admiração da maneira que a vida mudou. Eu namorei pouco tempo. Foi só de Janeiro até Setembro. Diziam os antigos, "quem bem faz a cama, que bem se deita nela". E eles é que sabiam. Mas era aquelas modas a gente tinha que fazer conforme eram os tempos, não havia outra maneira de ser.

Casamento De véu e flor de laranjeira

Eu e o meu marido fôramos casar à Benfeita. Fôramos 6 quilómetros a pé daqui para a Benfeita e de lá para cima outra vez. Fui em jejum porque naquele tempo a gente tinha de estar em jejum para tomar o Nosso Senhor. Ainda levaram qualquer coisa para a gente lá comer, porque já passava do meio-dia quando foi o casamento. Íamos todos juntos, dois padrinhos e duas madrinhas, a noiva à frente com o padrinho e ele ia atrás com a madrinha dele. Lembro-me disto porque o meu padrinho dizia assim:

- "Eu não sou o noivo, quem é o noivo é o que ali vem atrás."



António Correia Filipe, marido de Odete Duarte, na tropa em Tette, Moçambique

Ele gostava de brincar e dizia aquilo. Antigamente era assim. Agora nem se podem ver, só na igreja. Se os noivos eram de fora da terra estava já combinado a hora a que havíamos de sair e a quando haviam de chegar lá.

O vestido era branquinho, todo enramado às flores. Era muito bonito. Eu era magrinha e o vestido também era estreitinho. Era o véu, a flor de laranjeira na cabeça, fazia uma corozinha, e um ramo na mão também de flor de laranjeira. Ainda a podia levar que ele ainda nem tinha posto a mão dele na minha e nem nunca me tinha chegado com os lábios à cara para me beijar. Agora dizem que já não podem levar, mas levam na mesma.

Ao fim de vir de lá para cima é que estava a boda feita para comerem. A boda era feita pelos pais da noiva e do noivo. No meu ainda foram cento e tal pessoas. Foi muita gente. Era uma casa "atacada"². Ainda tiveram que pôr uma mesa, por cima, para lá comerem mais pessoas, mas não couberam e tiveram que ir para outra sala na casa da tia Generosa, no andar de baixo que é amplo.



Casamento de Maria Odete Duarte (1956)

Os filhos

Tive um filho que coitadinho morreu com 3 anos, era o Feliciano, e outro, o Fernando, que trabalhou nas colheres até ir para a tropa. Ao fim da tropa foi para Lisboa trabalhar para um restaurante. Depois casou e arranjou um restaurante para ele.

²cheia



Feliciano Correia, filho de Odete Duarte

Costumes Comida, festas, lendas e costumes

Os homens vão e as mulheres ficam

Havia alguns homens que casavam e ficavam sempre na terra. Cá se governavam com os officios que tivessem. Havia outros que iam para Lisboa e as mulheres estavam cá anos a trabalhar no campo, sem eles cá virem. Elas ficavam cá a trabalhar no campo e a arranjam a vida. Naquele tempo Lisboa era muito longe, não podiam estar sempre para cá e para lá. Agora quando casam já vão elas com eles. Eles iam para Lisboa vender fruta, no tempo dos morangos e das frutas novas. Iam para fazer lá dois meses ou assim para ganharem alguma coisa, coitados.

O meu pai tinha lá uma casa de malta. Chamavam eles uma casa de malta. Eles iam e dormiam todos ao monte, coitados, num sótão numa casinha pequena. Naquele tempo é que era uma vida, mas evoluiu para melhor.



Odete Duarte com a sogra, Maria Assunção Antunes, e os filhos, Fernando e Feliciano

Uma candeia para alumiar o serrote

A meio da Quaresma vinha-se serrar a velha às velhotas. A minha mãe punha um candeeiro na janela para os alumiar.

- "Serrem, meus meninos, serrem, que já são umas couceiras grossas que já custam a serrar."

Dizia ela. Eles depois até deixaram de vir porque ela não os tratava mal. O que eles gostavam de ouvir, era as parvoeiras que as pessoas diziam. Depois ela dizia:

- "Então este ano não me foram serrar a velha?"

E eles calavam-se. Uma vez eram homens, outras vezes eram garotos, era como calhava. Traziam uma lata velha e um serrotezito também velho e depois era:

*Serrão, serrão, que esta casa vá ao chão
Serrico, serrico, esta casa vá para o penico.*

E mais coisas que eles engendravam para lhes dizerem, para as verem arreliadas e elas então arreliavam-se todas. Havia-as que não queriam, gritavam, faziam judiarias do diacho aos garotos e aos homens. O meu filho também andou nisso, a serrar a velha às pessoas.

Domingo de Páscoa

Pelo Entrudo, a comida típica eram as sopas de leite. Chamavam as papas do Entrudo. Botavam uma caldeirinha ao lume com o leite dos animais. Depois botava-se o açúcar, o pão de trigo e deixava-se aquilo ferver muito bem. Matava-se também um galo que andasse grande em casa para se comer.

Pela Páscoa havia a festa do Domingo de Páscoa. O meu pai vinha cá sempre. Vinha o padre, matava-se um cabrito e festejava-se o dia assim. Fazia-se uma comida melhor para se comer nesse dia. Agora todo o ano se come.

Vasos para que vos quero

A gente tinha os vasos às portas, panelas que nos emprestavam e coisas velhas que era onde a gente punha umas plantas. Quando era a noite do Santo António andavam homens e mulheres, raparigas e rapazes, tudo junto, a levarem os vasos. Punham-nos em volta do chafariz, na fonte. As pessoas tinham os craveiros na janela e iam-lhes tirar os cravos. Para ouvirem:

- "Eh! Vieram-me tirar os meus cravos todos, deixaram-nos sem nada!"

"Já não há vista, nem crista"

Sou católica e graças a Deus gosto muito da minha religião. Aqui em Pardieiros há festas religiosas. Há festa do São Nicolau e da Senhora da Saúde. Antigamente eram muito melhor. Como as escolas abriam muito mais tarde faziam a festa só em Setembro. Agora a festa é no mês de Agosto. As escolas começam a abrir mais cedo e tiveram que pôr a festa também para mais cedo porque as crianças tinham que ir para a escola e os pais não podiam cá estar com elas. Eram umas festas em que a gente andava meses a cantar e a dançar. Agora já não é nada disso. A música, às vezes até vinha nas vésperas, mas no meu tempo já vinha de manhã. Tocavam todo o dia. A concertina a tocar, guitarras e violas e a gente a dançar. À meia-noite, uma hora é que a música se ia embora lá para as terras deles e a gente ainda ficávamos a dançar. Quando eles iam na Malhadinha, que era a seguir para o Monte Frio, ia a gente na carreira a dançar, ainda a aproveitar. Eles paravam no meio da Malhadinha a tocar e a gente ali a dançar. Nas festas haviam homens que cantavam muito. Cantavam, mandavam o fado vir. As pessoas de antigamente eram muito alegres. Tudo tocava, cantava,

era tudo uma alegria. As pessoas não tinham dinheiro, mas tinham alegria. Agora não. "Já não há vista, nem crista."



Primeira Comunhão do filho, Fernando Rodrigues Duarte Correia

Broinhas, figos secos e nozes

Pelo Natal havia bailes, dançavam muito. Quando estava a chover, nas casas onde se malhava os milhos, havia grandes bailes. O meu Natal nunca foi grande coisa porque o meu pai andava em Lisboa e a minha mãe ia para lá passá-lo com ele. Eu passava o Natal com uma tia minha que morreu já há uns aninhos. Era uma tia que era muito minha amiga, era a Generosa. Não sei se havia bolo-rei, mas havia muitas broinhas do Natal e o meu pai mandava-me muitas caixas de broas para cá, figos secos e nozes para a gente festejar o Natal. O resto era do que havia em casa: carne, enchidos e tudo o que calhava. Se havia, também se matavam galinhas, coelhos, um cabrito ou um borrego. De doces não se faziam grandes coisas. A gente antigamente comia doces, mas era mais só assim, aqueles doces da tradição. Era a sopa de leite, que era muito boa, o arroz-doce, a tapioca, a tigelada e os coscoréis. Não havia estes doces que agora fazem. A primeira vez que eu disse à minha mãe que tinha feito em casa pudins e mousses de chocolates ela disse-me assim:

- "Quem é que te ensinou a fazer isto? Ai é tão bom!"

E dizia eu assim:

- Olha aprendi.

Também fiz muita broa de milho. Era muito bom, com muita mistura, fazia-se aquelas broinhas. Eu comi muito pão de trigo, que o meu pai trazia muito de Lisboa. Eu fui mimosa disso. Comia coisas que por cá pouca gente comia.



Odete Duarte, Iria (irmã da sogra) e Maria Assunção (sogra), Pardieiros, Abril de 1994

Sete filhos, um lobisomem

Lobisomens, havia muitos antigamente porque as pessoas tinham muitos filhos. Quando tinham sete rapazes, um era lobisomem. Se for uma rapariga é uma bruxa, se for rapaz é lobisomem. Quando chegava para aí à meia-noite, uma hora, vinha-lhes aquele fado que eles tinham que correr sete freguesias numa noite. Havia pessoas que se escondiam para eles não as verem, porque eles iam feitos em bichos e matavam as pessoas se as vissem.

Em papos de aranha

Tinha um tio que era da banda do meu marido, que tinha uma propriedade ali para baixo para ao pé da ribeira, com bois. Tinha de lá estar até à meia-noite e mais, para tratar os animais. Ele estava a chegar à estrada para vir para casa e deu com um barulho muito grande. Só teve tempo de se deitar debaixo de

faixas de "canoilos"³ que lá tinha do milho. Ele andou ainda às focinhadas aos "canoilos". Viu-se em "papos de aranha". Estava a ver que ficava lá aquele dia. Eles são perigosos. No primeiro bicho que encontrassem, apanhavam o rasto deles e ficavam iguais ao bicho. E tinham de correr sete freguesias numa noite.

Ele tinha por modo uma cura. Era preciso arranjar uma aguilhada, que é daquilo de baterem nos bois quando eles andam a lavar. Punham uma agulha espetada da ponta dessa aguilhada, estavam numa janela muito alta e quando eles vinham a sair das casas de onde estavam a viver picavam o homem que se ia a fazer no bicho. Mas a pessoa tinha que ter coragem e tinha de saber onde picava. Picavam-no e aquilo por modo que saía dele. A pessoa que fazia o trabalho tinha que sair logo senão ficava ela com o fado do outro. Uma vez, por modo ouvia a contar, os antigos que fizeram isso aí a um e depois cegaram-no, coitado. Picaram-no na vista, calhou de ser. Porque uma pessoa conforme pica tem de fugir logo. Por isso muita gente não queria fazer aquelas coisas.

Chás, ventosas e tintura preta

Quando as pessoas estavam doentes vinha um senhor que era da Benfeita, o Augusto Pinto, que era como um médico. Foi na tropa que aprendeu. Ele não se enganava. O médico quando vinha trazia-o sempre com ele. Ficava depois a tratar as pessoas com os medicamentos que o médico receitava, a dar injeções e o que era preciso. Era muito entendido. Era melhor que um médico. Havia muita gente que antes queria com ele do que com um médico. Quando ele morreu não houve ninguém que não tivesse pena do homem. Era muito boa pessoa. Íamos a Côja e estava lá um médico, chamavam-no naquele tempo o doutor Batista. Chegavam a vir médicos também de Avô para cá. Conforme as doenças. Tudo se ia tratando conforme se podia.

Faziam-se muito chás de ervas. Havia a macela com as cascas das cebolas que era muito boa para as constipações. Eu nunca gostei muito de chá. Havia também as ventosas que punham nas costas, isso é que custava muito. Chamavam o tio Zé Augusto Pinto e esse é que vinha pôr as ventosas e tirá-las à gente. Depois os de cá da terra aprendiam e também faziam o serviço, faziam umas às outras. No fim de tirarem as ventosas carregavam a gente de tintura preta eram dores nas costas que eu sei lá e eu tinha muito isso. Infelizmente era muito doente. Diziam que era por os meus pais serem de família muito chegada.

³paus

Torresmos e enchidos

Fazíamos a matança do porco todos os anos e era uma festa nesse dia. Cada um fazia as coisas à maneira deles em casa. Vinha o matador, que era um homem que andava a matar os animais e que os preparava. Ele vinha para matar e para ajudar também no que era preciso e os outros para o lavarem e para o porem ao chamaril pendurado. Depois faziam os torresmos, os enchidos e as coisas que era para todo o ano.

O correio ia a pé

A distribuição do correio como eu me lembro era feita por uma rapariga que andava do Monte Frio e que ia fazer o correio a pé. Ia-o buscar à Benfeita e depois distribuía pelas terras. Era no Sardal, no Enxudro, no Monte Frio e na Relva Velha naquele tempo. Andava todo o dia, coitada, a distribuir o correio a pé. Depois começou a vir um homem. Era o tio Alberto "Carteiro". Quando começou foi a cavalo pelas terras e agora mais tarde, quando começou a haver as estradas, já era de mota.

Antigamente havia cá duas mercearias. Uma era do ferreiro que também tinha uma mercearia e outra, que eu conheci, era do Aristides. Agora estamos piores que nem cá temos comércio nenhum. Está lá adiante a Casa do Povo, mas não é comércio para se comprar o que é preciso para se ter em casa: massa, arroz, açúcar e assim. Umás vezes mandamos vir por uma rapariga que anda cá no centro. A gente diz-lhe e ela traz o que a gente quer.

A magia do cardo

Para o queijo, punha-se o leite para uma panela e coava-se. Tinha de ser bem coado, para não passar nada. Aquecia-se, dava-se um calorzinho no leite. Havia quem lhe pusesse coalho que era o estômago dos cabritos. Eu nunca quis isso. Eu era cardo, mesmo dos cardeiros. Eram umas plantas que dão umas cabeças. Aparecem quando é pelo Santo António. A gente secava-o e depois punha-se um bocadinho na água. Punha-se-lhe aquela água no leite e o leite coalhava. Depois deixava-se estar a coalhar e fazia-se o queijo. Tenho o acincho conforme o queijo. O leite ia para o acincho e fazia-se um queijinho muito bom. Era um rico queijo de leite de cabra e de ovelha. Aquilo era uma especialidade. Tive muito aqui nesta casa, agora já não há nada.

O milho nos estendais

A sementeira do milho faz-se de muitas maneiras. Aqui a terra era toda cavada com ancinhos. Trazíamos aos sete e aos oito homens a cavar um dia inteiro e eram muitos dias que a gente trazia a cavar as terras. Trazíamos mulheres a atupir a terra, semeávamos o milho, o feijão e botelhas, para os porcos comerem. Na mesma terra semeávamos aquilo tudo. Depois vinha o milho que a gente tinha que sachar com sacholas próprias, andar em volta do milho a tirar as ervas e tínhamos que regar. Depois era apanhar. Dava muito trabalho. Tinha-se que depenar para os animais, tirar-lhe a bandeira e pôr-se a secar. A gente tirava-lhe os folhos, trazíamos-lo para casa para o malhar. Malhávamo-lo nas casas que chamava a gente as casas dos estendais. Nas eiras "pia baixo"⁴. Ainda há lá muitas. Essas casas são de uns poucos de donos, mas já não são precisas para isso. A gente ajudávamos à noite. Era uma alegria. Malhava-se o milho e depois ia-se tira-lo dos casulos. Atirava-se umas "casuladas" uns aos outros. Andávamos de casa para casa. Aquela que acabava primeiro íamos para a outra. Depois noutra ainda estavam a descasular e íamos para lá. Andávamos ali uma data de horas naquilo até às 11 horas e tal da noite. Nesse tempo é que havia anedotas bonitas que contavam. Depois trazíamos milho nas eiras em mantas estendido a secar. Secava-se aquele milho, levava-se para casa e depois para os moinhos para se moer a farinha. O trabalhão que aquilo que dava. Depois quando vinha a farinha, a amassá-la com a pragana que tínhamos que era centeio, centianinho e trigo o que calhava. Aquecíamos os fornos onde se cozia o pão e a gente fazia-o. Era muito bom! Agora é bom, mas naquele tempo era bem melhor. Sustentava mais e fazia melhor. Agora já não há nada disso.

Lugar "*Os Ralhadores*"

Havia quem contasse antigamente que o nome de cá era Valverde e depois botaram-lhe o nome de Pardieiros. Eu ouvia contar, mas se era verdade ou não, não sei, mas tiraram-lhe um nome mais bonito para pôr um mais feio. Os habitantes do Sardal diziam que eram os "Casaquinhas", os dos Pardieiros eram os "Ralhadores", nem sei se eram os de Monte Frio se os da Relva Velha os "Troca Cabaças", os do Enxudro eram os "Cavaleiros do Enxudro". A missa ficava na Benfeita e então eles iam a cavalo e ficaram os "Cavaleiros do Enxudro".

⁴por aí abaixo

"Muito cântaro parti eu aqui pia baixo"

A aldeia antigamente não era nada do que é hoje. Hoje as ruas estão todas arranjadinhas. Antigamente era só penedas. Muito cântaro parti eu aqui "pia baixo"⁵. Depois ainda levava porrada e não tinha culpa. Tombava os pés nas penedas com o calçado que a gente trazia, com as tamancas e com chinelos, a gente caía e o cântaro ficava-se ali. Eles em carreira chegavam longe.

Havia lavadouros mas nós íamos todas lavar lá em baixo à fonte. Tínhamos de lavar num bocadinho pequeno porque era muita gente e a poça estava sempre "atacada"⁶. Toda a vida a conheci. Agora por cima é tapada, mas quando eu para lá ia nova, era destapada. A gente apanhava lá cada molha. Era a chover e a gente a lavar, com uma capucha ou uma saca pela cabeça. Molhava-se a gente toda no Inverno. Agora já pouca gente lava no tanque. Lavam é em casa que dá menos trabalho.



Sogra de Odete e suas irmãs (Elisa, Elvira e sogra, Eduarda)

⁵por aí abaixo

⁶cheia

Moinhos que não moem

Aí moinhos havia muitos, mas o que é eram longe da terra, mais à borda da ribeira. Ainda há muitos, mas está tudo velho, tudo a cair para o chão. Está um na Fraga que ainda mói. Foi-se embora um com uma água que veio e que levou o moinho e tudo pela ribeira abaixo, mas está lá um que é mesmo à beirinha da levada, que estava arranjado para as pessoas que lá vão para o ver. Agora já ninguém mói nada, já não se cultivava milho, centeio, centianinho. Era aos cento e tal quilos de milho. Fartávamo-nos de acartar milho e farinha por aí a cima.

"Eu gosto de morar cá"

A Comissão de Melhoramentos é que fez tudo. Cá não havia água nenhuma era só lá em baixo o chafariz. Tudo se governava com aquela água. A luz foi boa, mas a água ainda foi melhor, que a água ainda faz mais falta. Chegávamos a casa cansadas com trabalho e ainda íamos daqui lá para baixo buscar os cântaros da água para casa. Também não havia luz. Antigamente não se podia andar nas ruas de noite, só quando havia lua porque não se via nada. Agora há luz, há água, há tudo. Está tudo melhor. As ruas estão todas arranjadinhas.

Onde é agora a Casa do Povo também não havia lá nada. O que está pior são os estabelecimentos para a gente comprar as coisas. Agora não há nada.

Eu gosto de morar cá. Se não gostasse não estava cá, mas gosto de cá estar. Gosto muito. Não nasci cá, mas gosto de cá. Gosto mais do que de onde nasci, porque efectivamente eu lá ando sempre doente. Gosto de cá estar porque cá os ares são diferentes.

"O Estado pôs tudo mandrião"

Agora já ninguém faz nada, querem descanso e bom trato. Já não há cá nada. Já houve, mas agora não. Agora meu amigo, o Estado pôs tudo mandrião. Se não fossem as reformas ainda trabalhavam.

Quotidiano Não há lugar como a casa

Agora eu vivo sozinha mas porque quero. O meu filho gostava que eu estivesse ao pé dele, mas eu gosto mais de cá estar. Dou-me cá melhor. Em Lisboa nunca tenho saúde, estou sempre doente. Tenho angina de peito e volta e meia tenho que ir para as urgências. O meu coração e a angina de peito não

querem aquela poluição do ar. Já estive lá quando os meus netos eram pequenos. Estive lá 11 anos, mas depois quis vir para cá. Agora estou cá e vou lá estar uns tempos quando calha.



Casamento do filho Fernando Correia (mãe da noiva Palmira, nora Célia, filho Fernando, Odete)

Avaliação "Isto é uma passagem, mas ficam as tradições"

Este trabalho é bom para que não se percam as tradições antigas. Ainda expliquei algumas coisas que ouvia dos meus pais, que eu por mim não sabia nada. Já morreu tudo. Já morreram os meus pais, já morreram as minhas tias, já morreram os avós. Esses então, já lá vão há muito. Isto é uma passagem, mas ficam as tradições ainda antigas conforme as pessoas vão sabendo e as digam.